

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA  
19 e 20 de Outubro de 2020

## LE JOURNAL D'UN SUICIDÉ / 1972

*Um filme de Stanislav Stanojevic*

Realização e Argumento: Stanislav Stanojevic / Direcção de Fotografia: Jean-Jacques Flori / Som: Raymond Saint-Martin / Montagem: Bob Wade / Interpretação: Delphine Seyrig (a intérprete), Sami Frey (o guia), Marie-France Pisier (a jovem anarquista), Sacha Pitoëff, Bernard Haller, Roland Bertin, Paul Pavel, Gabrielle Robinne, etc.

Produção: CNC-ROC / Produtor: Louis Duchense / Cópia em 35mm, cor e preto branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 85 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

\*\*\*

**Le Journal d'un Suicidé** foi o primeiro filme realizado por Stanislav Stanojevic, sérvio nascido em 1938 e radicado em Paris a partir dos meados dos anos 1960. Terá sido uma boa altura para chegar a Paris, dado o clima fervilhante dos círculos intelectuais e políticos, e nomeadamente o clima fervilhante do cinema francês daquela época, de que **Le Journal d'un Suicidé** conserva vários traços, quanto mais não seja (mas mais é) através da presença de figuras como Delphine Seyrig, Sami Frey, Marie-France Pisier, Sacha Pitoëff, entre outros, todos eles com ligações a um mundo muito particular do cinema francês, aquele vindo da “rive gauche” da nouvelle vague (e Seyrig e Pitoëff, em particular, tiveram participações inesquecíveis em filmes de Alan Resnais).

Stanojevic não filmou muito, os registos dão conta de apenas mais três longas-metragens (entre os anos 70 e os anos 2000), nenhuma delas com grande impacto (como aliás à época sucedeu com o filme que vamos ver), e ter-se-á dedicado sobretudo à escrita e à pintura. Sem grande eco durante a sua carreira inicial (em festivais e no circuito comercial), o maior crédito de **Le Journal d'un Suicidé**, reproduzido em tudo o que é texto sobre o filme, terá sido uma observação de François Truffaut, não sobre o filme mas sobre o argumento – Truffaut considerou-o “um dos melhores argumentos” que alguma vez leu, embora não haja notícia (ou se há, não costuma ser citada) do que Truffaut pensou do filme propriamente dito, nem sequer se alguma vez o chegou a ver.

É um filme estranhíssimo, sem dúvida, talvez um pouco menos estranho se o pusermos mentalmente na época que o gerou (pois todos esses ares de família, de Resnais a Baratier, o tornam menos “estranho”), e que se transporta, eventualmente, alguma coisa da origem balcânica de Stanojevic parece mais ligado, em termos literários, a um universo sul-americano, pleno de diálogos e situações misteriosas, quase à beira do non sequitur (toda a história entre Sami Frey e Delphine Seyrig), alusões históricas e políticas quase sempre resumidas em imagens de morte (através de fotos e documentos de arquivo), segmentos que aludem precisamente a uma luta política clandestina (a personagem de Marie-France Pisier, a “jovem anarquista”), personagens que se instalam numa fronteira entre realidade e surrealidade (a personagem de Bernard Haller, e a sua obsessão com o riso), e sobretudo uma atmosfera que, justamente, se aproxima do

artifício literário, mais ou menos abstracto, sem deixar por isso de manter uma ligação (por todas as razões, fina e enigmática) com o real tomado em todos os seus aspectos. A própria estrutura, com os relatos paralelos (?) que mantém relações misteriosas, desenvolve a narrativa numa lógica de “formigueiro”, como se a fizesse seguir por diversos túneis que camuflam a arquitectura geral. Os actores – Seyrig, por todos – comportam-se mais como “imagens” do que como “personagens”, figuras recortadas em silhueta que o filme nunca tem a intenção de definir; noutros casos é a “rugosidade” da presença, o rosto e as expressões faciais, a “performance”, que se tornam o espectáculo, e isso é bastante válido no caso de Pitöeff, com o seu fácies que parece o resultado de um cruzamento entre John Carradine e Antonin Artaud.

Não se trata de uma obra prima “escondida”, mas é um filme assaz peculiar, que vale a pena ver pelas peculiaridades. Ainda mais por estarem tão datadas: não se fazem, hoje, filmes minimamente parecidos com **Le Journal d’un Suicidé**.

Luís Miguel Oliveira